

BALAIADA

A LUTA SEM FIM

180 ANOS DA REVOLTA

Antonio Oliveira | Óleo sobre tela | 2004 | Acervo: Memorial da Balaiada

“Balaio chegou
Balaio chegou
Cadê branco?
Não há mais branco
Não há mais sinhô”





Utensílios de cozinha
Procedência: Fazenda Santa Cruz
Século XIX
Acervo: Memorial da Balaiada



Espada com bainha de oficial, possivelmente da
Guarda Nacional, sabre com bainha e punhal
Século XIX
Acervo: Memorial da Balaiada

Balaiada: A luta sem fim 180 anos da revolta

HISTÓRIAS NÃO CONTADAS

*“... mas ainda é tempo de viver e contar.
Certas histórias não se perderam”.*
(Nosso Tempo, Carlos Drummond de Andrade)

A história do Brasil que aprendemos nos bancos escolares e que é reproduzida nos livros didáticos está repleta de lacunas em relação a determinados fatos, sobretudo aqueles protagonizados por sujeitos históricos anônimos, ligados aos setores subalternos da sociedade. Nossa historiografia oficial primou pelo registro de fatos que enalteciam determinados personagens em detrimento de outros.

Nos últimos anos, face à renovação dos estudos históricos em nosso país, procura-se mostrar que a História não é apenas fruto da ação isolada de grandes homens – os heróis nacionais, mas que ela se tece no cotidiano, onde emergem diferentes atores sociais. Todos nós fazemos História!

Um dos fatos relegados ao esquecimento pela história oficial são as revoltas e rebeliões sociais, algumas de cunho separatista, como a Guerra dos Farrapos no sul do país, outros de caráter nitidamente popular, a exemplo da Cabanagem, na Província do Grão-Pará. Elas ocorreram nas províncias do Império brasileiro, durante o período regencial de nossa história (1831-1840), colocando em xeque a integridade territorial do país, razão pela qual foram duramente reprimidas pelas forças imperiais.

Dentre essas revoltas, destaca-se a Balaiada, ocorrida no Maranhão e Piauí e que durou quase três anos (1838-1841), mobilizando um contingente significativo de pessoas de diferentes extratos sociais: trabalhadores livres, camponeses, vaqueiros, sertanejos, escravos e quilombolas. A Balaiada se distingue das outras revoltas que eclodiram nesse período por ter sido um movimento eminentemente popular contra os grandes proprietários rurais da região.

A presente exposição faz parte do projeto HISTÓRIAS NÃO CONTADAS, em que a Câmara dos Deputados pretende resgatar a memória de determinados fatos que foram desprezados ou omitidos pela história oficial. Com isso estamos contribuindo para que a história de nosso país não fique restrita aos circuitos acadêmicos e intelectuais e que possa ser mais conhecida por todos os brasileiros. Afinal de contas, o conhecimento histórico é um instrumento indispensável à construção da cidadania e ao fortalecimento de nossa identidade cultural.

RICARDO ORIÁ
Historiador
Consultor Legislativo

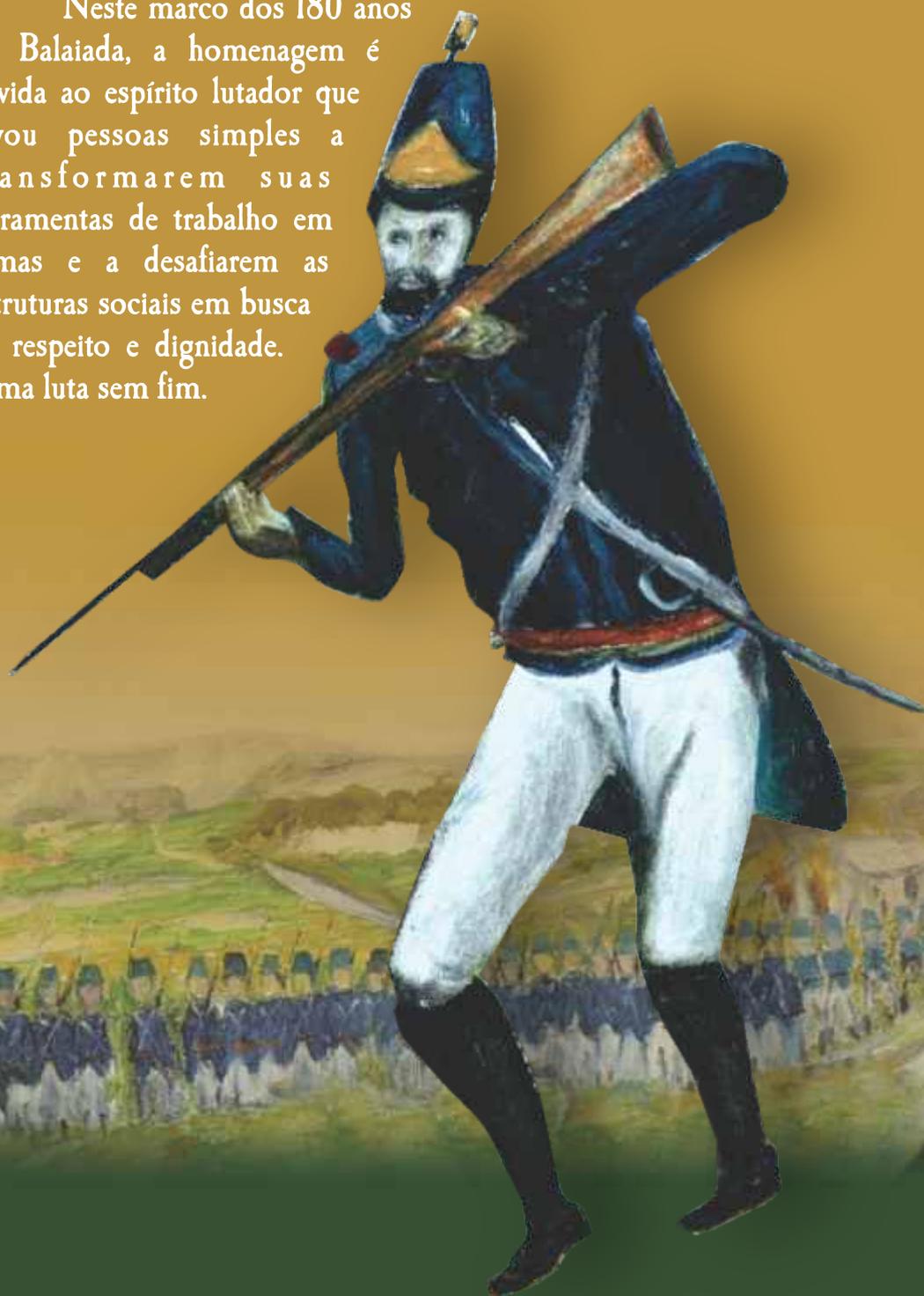
APRESENTAÇÃO



A luta por justiça, igualdade, liberdade e pelo acesso, como direito, ao que muitos desfrutavam como privilégio, é uma luta sem fim. Deve-se reconhecer a inteireza com que se têm doado a esta luta tantos homens e mulheres ao longo dos séculos.

Mais que uma revolta, a Guerra da Balaiada foi um movimento revolucionário ocorrido no Maranhão durante o período regencial. Historicamente, um momento em que tanto o território quanto a ideia de nação, povo e estado brasileiro estavam em formação.

Neste marco dos 180 anos da Balaiada, a homenagem é devida ao espírito lutador que levou pessoas simples a transformarem suas ferramentas de trabalho em armas e a desafiarem as estruturas sociais em busca de respeito e dignidade. Uma luta sem fim.



A PROVÍNCIA DO MARANHÃO

O Maranhão vivenciou, na primeira metade do século XIX, uma profunda crise, resultante das transformações econômicas, sociais e políticas pelas quais passava sua sociedade. Os aspectos das diferenças econômicas e sociais geraram uma revolta de sucessivos e ininterruptos levantes, conhecidos como Balaiada. A revolta, que teve elementos característicos de Revolução, estendeu-se pelos vales do Itapecuru e Parnaíba.

A cidade de Caxias, MA, foi o foco mais importante das batalhas entre Balaios e as forças legalistas do Norte. Em 1º de julho de 1839, os rebeldes invadiram e ocuparam a cidade e instalaram a Junta Governativa, que passou a negociar a legitimidade do movimento com o presidente da província.



CARVALHO, Olavo de. O Exército na História do Brasil, Volume 2. "Reino Unido e Império". Rio de Janeiro: Odebrecht, 1998.

"Fabricantes de balaios no Nordeste. Esse ofício, exercido por um dos líderes do movimento no Maranhão, serviu como fonte para denominar a revolta".

O RECRUTAMENTO FORÇADO

Ainda não havia exército permanente no Brasil e, a fim de conter as diversas subversões, o Império obrigava homens do povo a lutarem em províncias vizinhas. As condições sociais desiguais que afetavam vaqueiros, outros trabalhadores livres e especialmente escravos, somadas a esse recrutamento forçado, intensificaram o descontentamento popular.

O resgate, da cadeia da Vila da Manga, de um vaqueiro que havia resistido ao recrutamento, por seu irmão, Raimundo Gomes, em 1838, é considerado o marco inicial da Balaiada. Havia outros presos pela mesma razão e o grupo de invasores era composto por mais nove homens.



BALAIADOS, CABANOS E BEM-TE-VIS

O movimento da Balaiada cresceu e se espalhou pelas províncias do Maranhão e Piauí, chegando até o Ceará. Seus sujeitos eram principalmente oriundos das classes subalternas – vaqueiros, pequenos agricultores, artesãos, escravos fugitivos, etc.

No entanto, os distúrbios foram logo apropriados pelos partidos políticos que disputavam o controle do governo da província na época, os Cabanos (conservadores) e os Bem-te-vis (liberais). Eles se aproveitaram da rebelião segundo suas estratégias e passaram a promover uma violenta campanha jornalística em torno do movimento.

“A Balaiada em Caxias” | Tita do Rêgo Silva | Matriz da xilogravura | 0,70m x 8,80m | 2004 | Acervo: Memorial da Balaiada







Móveis típicos | Século XIX | Acervo: Memorial da Balaiada

DISPUTAS ENTRE AS ELITES

A Lei dos Prefeitos está geralmente elencada entre os fatores que motivaram a Balaiada, o que, na prática, significava a perpetuação do partido Cabano no Poder. Isso rompia o pacto de revezamento entre liberais e conservadores que marcava aquele período.

A revolta vinha, portanto, ao encontro dos interesses dos liberais Bem-te-vis e recebeu apoio estrutural deles, com armas, alimentos e outros insumos de guerra.

Quando o movimento começou a se radicalizar, chegando-se mesmo a falar em instauração da República, os liberais, por temerem represálias do Império, retiraram seu apoio e isso desestabilizou fatalmente a Balaiada.

A BALAIADA EM CAXIAS

Caxias era a segunda cidade mais importante da província e gozava de excelente posição geográfica e de diversos recursos. Sua ocupação pelos Balaios, em 1º de julho de 1839, foi o ponto mais significativo da rebelião.

Ali, o movimento adquiriu outra fisionomia. Os líderes rebeldes se organizaram em um Conselho Militar, estabeleceram uma Junta Provisória, começaram a fazer exigências e enviaram reivindicações às autoridades da Província.

Caxias foi palco das principais batalhas entre os Balaios e a Divisão Legalista do Norte, sob o comando do Coronel Luís Alves de Lima e Silva, que fora nomeado também presidente da Província do Maranhão. Suas ações resultaram bem-sucedidas e, ao término da revolta, ele foi agraciado com o título de Barão (posteriormente Duque) de Caxias.



Coronel Luís Alves de Lima e Silva

O Balaio

Manuel Francisco dos Anjos Ferreira

Ingressou no movimento após testemunhar o estupro de sua filha por dois soldados imperiais. Era branco e alto, filho de pobres agricultores e vivia com sua família à margem do rio Mearim, por onde passava a estrada que liga a Vila de Itapecuru Mirim à Chapadinha.



Ilustração com reconstituição artística da escultura original, que fazia parte do acervo do Memorial da Balaiada e foi danificada.

Cara Preta

Raimundo Gomes Vieira Jataí

Chefe do grupo de vaqueiros que, em 13 de dezembro de 1838, tomou de assalto a cadeia da Vila da Manga. Era capataz do fazendeiro Inácio Mendes de Moraes e Silva, vigário da Freguesia do Arari no Baixo Mearim.



Negro Cosme

O Líder Negro
Cosme Bento das Chagas

Natural da Vila de Sobral, província do Ceará, morador do Olho D'Água, termo da Vila do Rosário. Intitulava-se o Defensor da Liberdade, reuniu mais de 3 mil escravos para participarem da luta que ele chamava de Guerra da Lei da Liberdade Republicana.

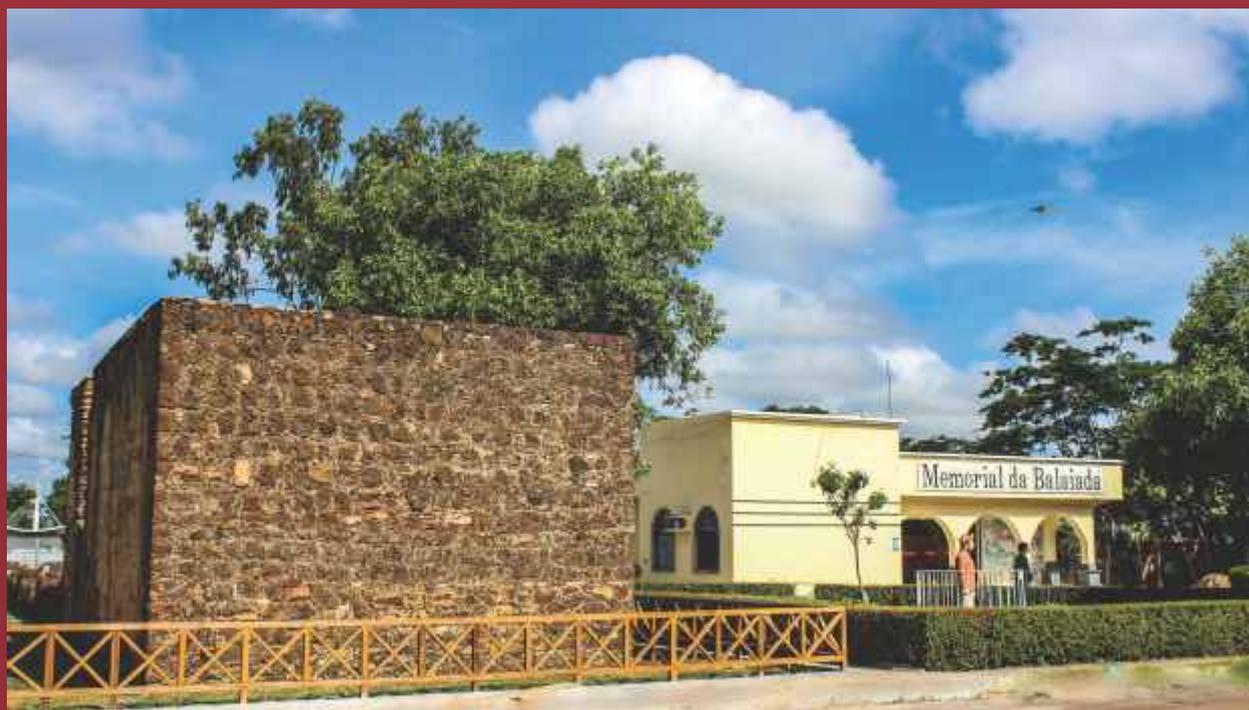


Escultura do Memorial da Balaiada

Lívio Lopes Castelo Branco e Silva

Natural do Piauí, era membro do partido Liberal (Bem-te-vi), liderava oficiais e soldados desertores da Guarda Nacional, políticos e juizes de paz. Arregimentou um reforço rebelde de 600 homens para participar do cerco à cidade de Caxias, quando de sua ocupação em 1º de julho de 1839.





RUÍNAS DO FORTE e MEMORIAL DA BALAIADA

Ambos localizados no Morro do Alecrim. No primeiro plano, é possível ver as Ruínas do Quartel, no qual as tropas portuguesas resistiram aos Independentes (1823) e, posteriormente, serviu às forças legalistas de repressão ao movimento da Balaiada.

Ao fundo, o Paço Cultural com Museu Escola e Centro de Documentação. Reúne um acervo de artefatos bélicos, arqueológicos, numismáticos, iconográficos e mobiliários, lembrando a presença dos Balaios em terras caxienses.

Gargalheira, Palmatória, Grilhões, Peia de Bacalhau e Tronco de Castigo
Instrumentos de castigo exemplares aos escravos
Século XVIII e XIX
Acervo: Memorial da Balaiada



Mesa Diretora da Câmara dos Deputados	Curadoria
Presidente	Comissão Especial Curadora dos 200 anos da Independência do Brasil
Rodrigo Maia (DEM/RJ)	José Theodoro Mascarenhas Menck
1º Vice-Presidente	Coordenação do Projeto
Fábio Ramalho (PMDB/MG)	Secretaria de Comunicação Social
2º Vice-Presidente	Centro Cultural Câmara dos Deputados
André Fufuca (PP/MA)	Secretário de Comunicação Social
1º Secretário	Márcio Marinho (PRB/BA)
Giacobo (PR/PR)	Diretor Executivo de Comunicação Social
2º Secretária	David Miranda
Mariana Carvalho (PSDB/RO)	Diretora do Centro Cultural
3º Secretário	Isabel Flecha de Lima
JHC (PSB/AL)	Núcleo de História, Arte e Cultura
4º Secretário	Coordenação
Rômulo Gouveia (PSD/PB)	Clarissa de Castro
Suplentes	Produção
Dagoberto Nogueira (PDT/MS)	Lucas Ramalho
César Halum (PRB/TO)	Revisão
Pedro Uczai (PT/SC)	Maria Amélia Elói
Carlos Manato (SD/ES)	Montagem e Manutenção da Exposição
Procurador Parlamentar	André Venterim Edson Caetano
Hildo Rocha (PMDB/MA)	Paulo Titula Wendel Fontenele
Corregedor Parlamentar	Projeto Gráfico
Evandro Gussi (PV/SP)	Ely Borges
Diretor-Geral	Núcleo de Museu
Lucio Henrique Xavier Lopes	Coordenação
Secretário-Geral da Mesa	Marcelo Sá de Sousa
Wagner Soares Padilha	Material Gráfico
	Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Organização

Prefeitura de Caxias/MA	Segunda Vice-Presidência
Secretário de Cultura, Patrimônio, História, Esporte, Turismo e Juventude	Chefe de Gabinete
Arthur Quirino	Valeska Queiroz
Curador da Exposição	Apoio e Pesquisa
Renato Meneses	Bruno Angrisano
Fotógrafos	Carlos Wagner Soares
Juliel Melo	Denise Barbosa
David Sousa	Guilherme Lima
	Valéria Venda

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional- Câmara dos Deputados
Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70.160-900 – Brasília/DF
<http://www.camara.leg.br/centrocultural>

Brasília, junho de 2018



Centro Cultural
Secretaria de Comunicação Social